

LAZER E JUVENTUDE NA DINÂMICA DA ACUMULAÇÃO DE CAPITAL CONTEMPORÂNEA

Mateus Orio*

Introdução: produção, distribuição, troca e consumo

No desenvolvimento histórico do ser humano enquanto sociedade são realizadas diversas atividades, entre as quais podemos destacar o trabalho. O trabalho, em um sentido amplo, designa o metabolismo do ser humano com a natureza (MARX e ENGELS, 1984). Isso quer dizer que, ao desenvolver o seu processo de sobrevivência, o ser humano trabalha. No interior do processo de trabalho temos a produção, a distribuição, a troca e o consumo (MARX, 1999).

Na sociedade moderna o processo de trabalho é marcado pelo capitalismo, de modo que os seres humanos para efetivarem o seu metabolismo com a natureza o fazem a partir da divisão entre aqueles que possuem os meios de produção e aqueles que não os possuem. Estes últimos precisam então vender a sua força de trabalho para que, por intermédio do dinheiro que lhes é pago na forma de salário, possam efetivar sua sobrevivência. Então, na sociedade fundamentada pelo modo de produção capitalista (assim como nas demais sociedades de classe), a produção se dá por intermédio da divisão entre classes sociais.

A distribuição ocorre também nestes moldes, de forma que as diferentes classes sociais são distribuídas por diferentes tipos de trabalho e os produtos do trabalho são também distribuídos de forma desigual entre as diferentes classes. A troca é efetuada por intermédio do dinheiro, que é a mercadoria estabelecida como meio de troca universal, e o consumo é pautado na quantidade de dinheiro que cada consumidor possui, bem como o consumo de meios de produção caracteriza-se como uma forma de reprodução, no sentido da produção contínua de mais mercadorias. Produção, distribuição, troca e consumo se determinam mutuamente no movimento real da sociedade, constituindo-se em elementos de uma mesma unidade (MARX, 1999).

Dada a complexidade da sociedade moderna e a intensificação deste processo na contemporaneidade, temos também como atividades humanas o para-trabalho. O para-trabalho (VIANA, 2014) é entendido como um conjunto de atividades que visam preparar

* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente de Ensino Superior na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lazer e Sociedade (LAS/UFG). E-mail: mateusorio@hotmail.com

o trabalho, como o transporte e a organização de materiais e ferramentas. Além do para-trabalho, os seres humanos naturalmente precisam satisfazer suas necessidades básicas: comer, dormir, manter a higiene pessoal etc. Estas atividades tomam também um determinado tempo. Temos também as obrigações sociais como atividades realizadas pelos seres humanos. Essas obrigações envolvem as distintas instituições sociais que se desenvolvem historicamente e que demandam mais ou menos tempo conforme a cultura. Assim, atualmente podemos observar tramitações burocráticas relativas à legalização das relações sociais; compromissos religiosos; encontros familiares; eventos escolares; entre várias outras atividades que se constituem como obrigações sociais para o ser humano.

Finalmente, a recreação é uma atividade que adquire importância na sociedade moderna, estando separada das demais atividades aludidas acima. O lazer é aqui entendido como um conjunto de atividades recreativas realizadas após o desenvolvimento do trabalho, para-trabalho, necessidades básicas e obrigações sociais (VIANA, 2014). Dessa forma, o lazer constitui atividades realizadas em um tempo que sobra após o desenvolvimento de todas aquelas outras atividades, ou seja, em um tempo residual. Nesse sentido, o lazer é indissociável do trabalho e por vezes é considerado como uma forma de recarregar as energias para retornar à labuta cotidiana.

Com o desenvolvimento do capitalismo vão se desenvolvendo formas alternativas e complementares de acumulação de capital. Dessa maneira, não criados diferentes nichos de mercado consumidor, fazendo com que sejam produzidas mercadorias variadas para formas de consumo diversas. Nesse contexto, a juventude consolida-se como um importante nicho de mercado consumidor.

A juventude é entendida como uma constituição social caracterizada pelo processo de ressocialização, no qual os jovens são preparados para o mercado de trabalho e para as obrigações sociais (VIANA, 2009a). Com isso, são desenvolvidas atividades de lazer pautadas no consumo de mercadorias voltadas para a juventude enquanto mercado consumidor. Essas mercadorias englobam comida, roupas, jogos, música, cinema e uma pluralidade de outros produtos culturais. A partir da consolidação da juventude como mercado consumidor este grupo social torna-se importante para a manutenção de determinado nível de acumulação de capital.

A acumulação de capital é um processo que envolve a exploração da burguesia – classe social que possui os meios de produção – sobre o proletariado – classe social que não possui meios de produção e precisa vender sua força de trabalho. O trabalho é explorado mediante o investimento em meios de produção e a contratação de

trabalhadores para empregarem sua força de trabalho na produção de mercadorias. Nesse processo, os meios de produção repassam seu valor às mercadorias e o trabalho dos proletários cria um valor novo, fazendo com que o produto final seja mais valioso do que a soma dos valores das demais mercadorias empregadas em sua produção.

A força de trabalho, enquanto capacidade de trabalho do indivíduo vivo, cria um valor superior ao valor de sua produção, ou seja, o valor da (produção da) força de trabalho é menor do que o valor que ela pode criar como trabalho vivo. A partir disso, a burguesia consegue mais valor no produto final em relação ao que investiu no início da produção e esse “mais-valor” (MARX, 1996) expressa a exploração sobre o proletariado, já que esta classe é quem, a partir de seu trabalho, fornece esse valor a mais que é apropriado pela burguesia.

O capitalismo, porém, não envolve meramente produção, como também consumo produtivo, reprodução, e por isso a produção capitalista não se encerra após o produto final, mas é constantemente repetida (MARX, 1985). Na medida em que o mais-valor é obtido com a venda das mercadorias, parte desse mais-valor é reinvestida na produção caracterizando o processo de acumulação. Assim, a acumulação de capital consiste na transformação da produção capitalista novamente em capital, em um processo contínuo.

A partir dessa base de produção social, o lazer é apropriado para a acumulação de capital e tem na juventude um grande espaço para a reprodução capitalista em escala ampliada. A apropriação capitalista do lazer possibilita uma acumulação de capital mais acelerada, porque as mercadorias de lazer são consumidas mais rapidamente (ou até instantaneamente). E a juventude, com o desenvolvimento de diferentes grupos e a sucessão de modas, possibilita uma acumulação de capital em escala ampliada por meio do lazer, ou seja, possibilita ciclos de produção progressivamente maiores.

Dessa forma, o problema que pauta esta pesquisa se remete ao desenvolvimento do lazer focado na juventude e as formas que ele assume para ampliar o consumo de mercadorias, conseqüentemente ampliando a acumulação de capital. Então, é possível definir as seguintes questões norteadoras: como é desenvolvido o lazer focado na juventude e quais formas este lazer assume para ampliar o consumo de mercadorias e assim ampliar a acumulação de capital?

Este estudo tem como objetivo discutir a relação da juventude com o desenvolvimento do lazer na contemporaneidade, o que envolve a sua apropriação para a acumulação capitalista. Especificamente objetiva-se discutir a juventude enquanto constituição social, o lazer enquanto um fenômeno moderno, atrelado ao capitalismo, e a

relação entre esses três elementos a partir da consideração da sociedade enquanto uma totalidade, ou seja, um todo complexo em que diversos elementos se encontram articulados.

Como referencial teórico-metodológico desta pesquisa temos o materialismo histórico desenvolvido por Karl Marx, no sentido de compreender as relações sociais concretas como síntese de múltiplas determinações articuladas em uma totalidade. Dessa forma, o método dialético fundamenta a presente discussão, de modo a compreender a realidade enquanto algo concreto e desenvolvido historicamente.

Portanto, com este artigo espera-se desenvolver uma contribuição para o debate acerca da juventude enquanto constituição social e do lazer enquanto fenômeno social, ambos concebidos como síntese de múltiplas determinações e inseridos, portanto, no processo de acumulação capitalista. Atualmente, o debate sobre a juventude se intensifica com a ascensão das redes sociais, bem como com a intensificação de produtos designados a este grupo social. Do mesmo modo, o debate sobre o lazer e o entretenimento se intensifica, muitas vezes objetivando a evasão em relação aos problemas sociais que cercam a vida dos jovens contemporâneos. Por isso mostra-se relevante desenvolver estas discussões de maneira mais aprofundada.

Na próxima seção deste artigo será discutida a juventude enquanto uma construção social da modernidade. Desta forma, esse grupo social é caracterizado por uma socialização profissionalizante no sentido da posterior adoção do papel de adulto. Em meio a isso, há o processo de desenvolvimento da imagem da juventude e as influências sobre o mesmo, bem como da luta da juventude pela independência e a questão da rebeldia e irreverência. Avançando nessa discussão, com o entendimento do desenvolvimento histórico do capitalismo, será discutida a tendência à formação de gerações etárias uniformizadas e, no caso da juventude, o reconhecimento desse grupo etário como marcado pela necessidade de lazer.

O lazer em si é o objeto da seção posterior, entendido enquanto um produto da sociedade moderna. A discussão dessa seção será pautada no desenvolvimento do modo de produção capitalista na sucessão de regimes de acumulação, passando notadamente pelas mudanças que reverberaram no fenômeno do lazer. Com isso, tornar-se-á possível a percepção dos processos de mercantilização e burocratização do lazer, da intensificação do consumo e da proliferação de mercadorias voltadas para o entretenimento em geral e para o entretenimento da juventude em específico.

Por fim, a terceira seção subsequente visa a análise da acumulação de capital por meio do lazer para a juventude, ou seja, a articulação entre os três principais eixos deste estudo. Dessa forma, será discutido mais especificamente o capitalismo na contemporaneidade e o caráter hedonista da juventude, em que os jovens contemporâneos são pressionados a seguir o modelo do jovem consumista. Será discutida também a proliferação de nichos de mercado que objetivam ampliar ainda mais o consumo juvenil, bem como associar a identidade da juventude a determinadas práticas sociais, buscando difundir essas mesmas práticas a outros grupos etários.

A juventude como construção social

A juventude é uma construção social da modernidade, conforme colocado por alguns estudiosos da área (VIANA, 2009a). A autoimagem da juventude é desenvolvida por este grupo social, sendo formada por sua experiência, reflexão e influência dos demais grupos, de modo que esses processos são também sociais. Assim, a formação da identidade – entendida como “a autoimagem desenvolvida pelos indivíduos e/ou grupos sociais” – da juventude é um processo que envolve uma produção da e para a juventude, como também para e pelos outros grupos aos quais ela se referêcia (VIANA, 2009a, p. 146).

O que caracteriza o grupo social constituinte da juventude então é a inserção no processo de ressocialização (VIANA, 2009a). Nesse sentido, a juventude engloba um grupo de determinada faixa etária que está em um processo de preparação para se integrar completamente na sociedade, na esfera do trabalho e das responsabilidades sociais, características da vida adulta.

Então, se as crianças são socializadas na família, escola e comunidade, para o convívio social, a juventude é preparada para o mercado de trabalho, trata-se, portanto, de uma socialização de caráter profissionalizante. Além disso, a ressocialização envolve o preparo para o exercício de responsabilidades sociais como constituição familiar, vida política etc. “Embora haja diferenças neste processo dependendo da classe social, cultura, etc., esta é a base social e unificadora desse grupo etário [...]” (VIANA, 2009a, p. 147).

Em se tratando de um processo social, a formação da identidade da juventude é determinada pelo outro, não necessariamente pelos próprios jovens, mas pelos adultos. “Somente num segundo momento é que esse grupo etário participa ativamente do processo de constituição de sua autoimagem” (VIANA, 2009a, p. 148). Assim, o jovem

é oprimido e controlado por várias instituições sociais para posteriormente assumir o papel de adulto.

“A imagem da juventude produzida pelo mundo adulto é aquela produzida pelas diversas ciências, pelos meios de comunicação de massas, pelas representações cotidianas, etc.” (VIANA, 2009a, p. 149). Além disso, outras influências na imagem social da juventude atuam no processo de constituição da identidade, como a ação estatal, e isso envolve a criação de particularidades que remetem ao mercado de trabalho, ao processo educacional, conduzindo a um conjunto de responsabilidades sociais específicas.

O ideal de adulto-padrão é tomado então como referência para a ressocialização da juventude. Dessa perspectiva, não se casar e ter filhos, constituindo um núcleo familiar padrão, e/ou não ter um emprego bem remunerado gera no indivíduo inserido no grupo social da juventude a qualificação de “desajustado”, de uma pessoa que simplesmente “não deu certo”. Gerando, para os pais, questionamentos de que não conseguiram educar de maneira adequada sua prole. Além disso, não seguir o exemplo de adulto-padrão provoca no indivíduo jovem a situação de anormalidade, criando também um distanciamento em relação aos demais. Assim, a busca por seguir esse exemplo abarca o sentido de pertencimento do jovem ao seu grupo social.

Outro aspecto definidor da juventude enquanto grupo social é a sua designação como transição, no sentido do jovem ser um adulto incompleto, conforme Viana (2009a, p. 151): “Este modelo encontra correspondência com o desenvolvimento cronológico e biológico dos indivíduos, e assim se vê confirmado e naturalizado”.

É neste contexto que ocorre a formação da identidade e dos valores dos jovens, bem como sua luta pela independência. Como os jovens não constituem uma massa amorfa, há a recusa, a crítica e a contestação sob as mais variadas formas. O processo de ressocialização, sendo repressivo e uma antecâmara do modo de vida adulto, é negado, bem como a dependência é negada, mas de forma ambígua, pois sua superação significará a inserção no trabalho alienado e no mundo das obrigações sociais também realizadas sob o signo da alienação, em instituições burocráticas e mediadas pela competição e mercantilização de tudo [...] (VIANA, 2009a, p. 152).

Parte da juventude recusa a influência das pressões sociais na constituição de sua identidade e assim desenvolve uma autoimagem pautada pela rebeldia e irreverência. Nesse sentido, a juventude carrega em sua autoimagem uma ambiguidade. Porém, estes aspectos da autoimagem da juventude são naturalizados:

A identidade da juventude, assim, não é exatamente a imagem produzida pelo mundo adulto. No entanto, este também trabalha sobre tal identidade, reinterpretando-a. Esta reinterpretação da identidade da juventude pelo mundo adulto, especialmente pelas ciências modernas, abarca a rebeldia e

ambiguidade da juventude, fornecendo-lhe uma naturalização, isto é, coloca nos seus quadros de referência aquilo que tal quadro não consegue explicar e por isso naturaliza os elementos que fogem de sua explicação, através da naturalização da “desnaturalização” contida na rebeldia e ambiguidade dos jovens. A rebeldia e ambiguidade são reinterpretadas como sendo um produto natural da idade, do desenvolvimento biológico, etc. (VIANA, 2009a, p. 152).

Dessa forma, a identidade da juventude é desenvolvida a partir dessas relações sociais, podendo em determinados momentos históricos apresentar rupturas e as diferenças no interior da juventude podem trazer modificações para esse processo. Com isso, a identidade da juventude resulta de sua situação concreta, “interpretada e reinterpretada pelas ideologias, representações cotidianas meios de comunicação, instituições, etc.” (VIANA, 2009a, p. 153).

Outra questão que envolve a juventude é o debate em torno das gerações etárias. Cada geração etária é marcada por um grupo de idade em um período histórico específico, convivendo assim idosos, adultos, jovens e crianças em cada período. Partindo de uma periodização do capitalismo baseada em sua existência concreta, não meramente em uma classificação arbitrária, temos a teoria dos regimes de acumulação (VIANA, 2003; 2009b). Nesse sentido, um regime de acumulação expressa determinado estágio do desenvolvimento capitalista, englobando formas específicas de: exploração do trabalho; regularização das relações sociais; e relações internacionais. Assim, para cada regime de acumulação há a tendência de ter gerações uniformizadas, ou seja, em cada grupo etário há certa homogeneidade. “Obviamente que a existência de uma geração uniformizada hegemônica implica na de outras, não-hegemônicas, com maior ou menor importância dependendo do regime de acumulação, das lutas sociais, etc.” (VIANA, 2012, p. 61).

Em meio ao processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista, as formas de lazer vão também se desenvolvendo e a juventude é, muitas vezes, colocada como um grupo etário marcado pela busca pelo lazer. Dessa forma, em meio ao processo de ressocialização, os jovens são constrangidos a desempenhar uma função no mercado de trabalho e isso acaba demandando também maior necessidade de lazer para usufruir nos momentos residuais.

O lazer como fenômeno moderno

Partimos do entendimento do lazer como um produto da sociedade moderna, pois ainda que inegavelmente existam formas de distração e atividades lúdicas nas sociedades pré-capitalistas, nesta sociedade essas atividades assumem uma forma específica a qual é designada como lazer. Esse fenômeno moderno, então, desenvolve-se em íntima relação

com o trabalho, contrapondo-se a ele. As atividades de lazer na sociedade moderna podem ser espontâneas, controladas, como também podem efetivar a práxis, ainda que isso não ocorra necessariamente.

No interior da sociedade moderna, os regimes de acumulação caracterizam fases do desenvolvimento do modo de produção capitalista. Nesse sentido, cada período da sociedade capitalista é marcado por determinada forma de promover o processo de valorização, determinada forma de organização estatal e determinada forma de relações internacionais. Todo esse processo é mediado pelo desenvolvimento das lutas entre classes sociais que vão demarcar processos de crise, ruptura e surgimento de novos regimes de acumulação.

Temos, nos primórdios do capitalismo, a acumulação primitiva de capital, que caracterizou o período de constituição das condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, com a constituição do proletariado enquanto classe “livre” e sem propriedade, ficando esta concentrada na burguesia enquanto classe social. Nesse período o trabalho era organizado segundo as tarefas e começava a haver um controle sobre os trabalhadores para se adequarem a um ritmo de produção e junto a isso eram enfatizadas lições moralistas de trabalho austero e condenação à vadiagem.

Com a efetivação do capitalismo, o primeiro regime de acumulação é caracterizado pela extensão da produção capitalista para além da Europa. O processo de valorização era caracterizado pela máxima exploração, com baixos salários, extensão da jornada de trabalho e aplicação massiva de força de trabalho infantil e feminina. O Estado capitalista caracterizava-se por seu viés liberal, com a democracia censitária, e o neocolonialismo era a forma predominante de relações internacionais. Os conflitos de classe se deram no sentido da busca pela redução da jornada e melhores condições de trabalho. Além da longa jornada de trabalho, o moralismo coibia o lazer dos trabalhadores. Assim, o lazer era uma prerrogativa da burguesia e outras classes privilegiadas. Nesse período, do regime de acumulação extensivo, amplia-se o uso do dinheiro sob a forma de moeda metálica, o processo de urbanização se intensifica e começam a se desenvolver áreas específicas para lazer nas cidades.

No final do século XIX, com a ascensão dos movimentos sociais, que visavam melhores condições de trabalho e redução da jornada (com destaque para a Comuna de Paris, que empreendeu um novo processo de organização dos trabalhadores), houve uma intensificação dos conflitos sociais que resultou na crise do regime de acumulação

extensivo. O capitalismo então teve que se reorganizar em um novo regime de acumulação, o intensivo, cujo processo de valorização se pautou majoritariamente na intensificação do trabalho para que ele fosse explorado de forma mais intensa em um mesmo ou menor tempo. A organização estatal se deu nos moldes de um Estado liberal democrático, em que o sufrágio passou a se ampliar, e as relações internacionais foram pautadas pelo imperialismo.

Nesse período, com a redução da jornada de trabalho, o tempo para lazer passa a ganhar significância na vida dos trabalhadores. Há a expansão da produção de mercadorias capitalistas para além da Europa de modo que produtos que antes não eram mercadorias passam a ser mercantilizados, inclusive a música, que neste período assume cada vez mais a forma de uma mercadoria, sendo constituída, assim como diversos outros produtos culturais, como uma mercancia (Cf. VIANA, 2016).

As mercancias são produtos que não resultam de uma produção propriamente capitalista, ou seja, de um trabalho proletário mediado por meios de produção adquiridos para repassarem valor ao produto final. As mercancias, porém, assumem a *forma de mercadoria*, pois são vendidas de modo a possibilitar a apropriação de mais-valor em forma de dinheiro. Desse modo, a palavra *mercancia* é empregada com o sentido de ser uma “forma-mercadoria”: é vendida tal como as demais mercadorias, mas não possui a substância das mercadorias, pois não se concretiza como um produto que é repassado materialmente ao comprador.

Tem-se também, em meio ao regime de acumulação intensivo, a ampliação da burocratização das relações sociais, caracterizando-se por uma ampliação do controle sobre as relações sociais. Nesse sentido, começa a crescer o controle sobre as diversões populares. Atividades que promoviam o descanso e a evasão eram preconizadas em detrimento de atividades que poderiam indispor o corpo ao trabalho duro ou aquelas atividades que promoviam a reunião de trabalhadores, favorecendo o debate e crítica de suas condições sociais de trabalho. Assim, o esporte moderno, por exemplo, que enfatizava os trabalhadores como meros espectadores em detrimento de praticantes, passa a ser uma prática incentivada.

Então, no início do século XX novamente com o acirramento da luta de classes, principalmente devido à resistência dos trabalhadores às formas de trabalho implementadas, tem-se uma nova crise de acumulação. Essa crise desembocou nas duas Guerras Mundiais que possibilitaram grande acumulação por conta da reconstrução dos países devastados. A partir de então o capitalismo passou a se organizar de modo que o

processo de valorização enfatizou tanto a extensão como a intensificação do trabalho. Com o fordismo, a tecnologia passou a ditar o ritmo e a intensidade do trabalho, o Estado passou a ser organizado de forma integracionista, integrando os trabalhadores por meio do consumo e assistência social, e as relações internacionais foram pautadas pela formação de mercados de massa globais e pela intensificação do imperialismo.

Nesse regime de acumulação, entendido como regime de acumulação intensivo-extensivo, ou regime de acumulação conjugado, foi marcante o controle sobre os operários fora dos locais de trabalho. Tem-se o surgimento de serviços de recreação operária e assistência social no sentido de controlar o que os trabalhadores faziam nos momentos de descanso. Além disso, é nesse regime de acumulação que o lazer moderno é instituído de forma acabada. Há a proliferação de automóveis e aparelhos de televisão, resultando em uma intensificação do consumo, com uma grande quantidade de novas mercadorias e novas práticas de consumo. Intensifica-se a mercantilização dos produtos culturais e também do lazer com a espetacularização de eventos esportivos. Com isso, o consumo nos momentos de lazer expressa cada vez mais a necessidade de reprodução do capital. A mercantilização da música, principalmente o rock, desenvolve na juventude um mercado consumidor para discos, roupas e eventos culturais, efetivando a cooptação da juventude para a acumulação capitalista por meio do lazer:

O Rock and Roll, o jeans, o chiclete (gomas de mascar) e uma enorme quantidade de novas mercadorias em geral são produzidas, criando novos costumes e práticas de consumo. O lazer é cada vez mais mercantilizado. É nesse momento histórico que ao lado dos bares e outras formas de lazer que ocorrem em locais onde mercadorias são vendidas (nos bares, as bebidas, mas em outros locais outras mercadorias), tais como clubes de jogos, bem como o processo de profissionalização e mercantilização do futebol e outros esportes e da cultura (música, cinema, etc.), abrem um novo campo de lazer mercantilizado: os estádios de futebol e outros locais de eventos esportivos e culturais (clubes, salas de cinema, etc.) (VIANA, 2014, p. 63).

É nesse momento histórico também que a juventude se consolida enquanto constituição social com cunho contestador. Nessa época é que passa a haver maior uniformização dos jovens em relação às gerações anteriores. “Essa uniformização da juventude cria modos de comportamento e pensamento, um *ethos* juvenil, que será dominante e só será posto em xeque a partir da crise do regime de acumulação conjugado no final dos anos 1960” (VIANA, 2012, p. 61).

A integração da classe operária ao capitalismo começa a ruir no final da década de 1960. Com a intensificação das lutas de classe, com destaque para o Maio de 1968, tem-se nova crise de acumulação em que foram apresentadas tendências revolucionárias. Com o regime de acumulação integral tem-se uma nova ofensiva capitalista. O

capitalismo na contemporaneidade tem o processo de valorização marcado pelo toyotismo e modelos similares na busca tanto pela extensão quanto pela intensificação do trabalho. Com o Estado neoliberal e o neoimperialismo, há uma grande desarticulação de conquistas históricas do movimento operário e as relações internacionais são caracterizadas pela busca de força de trabalho mais barata nas mais diversas partes do mundo.

Nesse período, que marca a contemporaneidade do capitalismo, ou seja, o período dês de meados da década de 1970 e início dos anos 1980, temos o desenvolvimento dos jogos eletrônicos, videocassete e outros aparelhos cada vez mais sofisticados que intensificam o processo de mediação das práticas de lazer pelo consumo. A tecnologia microeletrônica se desenvolve cada vez mais, possibilitando também uma rápida obsolescência e criando novas necessidades.

Tem-se, além disso, o processo de criação de áreas de lazer em condomínios e a proliferação de *shopping centers* que diminuem a importância de praças e parques públicos para o lazer. Nesse sentido, vão se proliferando formas de lazer distintas conforme as diferentes classes sociais. Em meio a isso há a aquisição de chácaras e casas de veraneio por parte dos membros das classes privilegiadas, a associação a clubes de lazer e cresce a importância do turismo.

O processo de mercantilização da sociedade avança consideravelmente no regime de acumulação atual. Com o fim do Estado integracionista, reduzem-se os gastos públicos com lazer, de modo que cada vez mais as práticas de lazer são pagas. Se em meados do século passado os trabalhadores consumiam os eletrodomésticos produzidos em massa e de grande durabilidade, agora consomem também atividades, passeios e jogos que são consumidos instantaneamente, possibilitando acelerada acumulação de capital.

Isso é uma característica marcante da apropriação do lazer pelo capital (ORIO, 2019). Com a proliferação de mercancias voltadas para o entretenimento dos consumidores é possível que o giro do capital seja acelerado, pois as mercancias de lazer são consumidas¹ de forma instantânea. Uma sessão de cinema, por exemplo, promove um lucro instantâneo para o capital comunicacional que se apropria dos lucros desse tipo de produção. Este lucro instantâneo, caracterizado pela apropriação de mais-valor na forma de dinheiro, possibilita acelerar o giro de capital, impulsionando a economia capitalista.

¹ O termo “consumação” é empregado para designar a simultaneidade entre produção e consumo no caso das mercancias (Cf. VIANA, 2016).

Além disso, uma produção cinematográfica de sucesso proporciona a produção de jogos e brinquedos, mercadorias capitalistas que fornecem mais-valor aos capitalistas industriais; e proporciona também a consumação de outras mercancias como músicas, jogos eletrônicos, peças de teatro e visitas a parques de diversão, que fornecem dinheiro para os capitalistas mercantis. Trata-se, nesse sentido, do capital recreativo (ORIO, 2019), a parte da classe capitalista que versa sobre os produtos destinados à diversão.

A acumulação de capital por meio do lazer para a juventude

No regime de acumulação integral a juventude apresenta um caráter hedonista (Cf. VIANA, 2012), alheio aos conflitos sociais e é facilmente cooptada para o consumismo pela publicidade. Assim, a juventude contemporânea constitui um bom espaço para a ampliação do mercado consumidor necessária à acumulação de capital. Por outro lado, a juventude, especialmente oriunda das classes desprivilegiadas, apresenta um potencial para romper com as relações sociais existentes, podendo assumir maior radicalidade nos conflitos sociais.

As gerações de jovens anteriores, hoje idosos e adultos, influenciam no processo de ressocialização da juventude. Como resultado temos uma juventude uniformizada e também baseada no modelo de juventude pertencente às classes privilegiadas (VIANA, 2012). Assim, como os jovens se sentem pressionados a seguir o ideal de adulto-padrão, eles são, no presente regime de acumulação, pressionados a seguir o modelo de juventude consumista das classes privilegiadas.

A partir do regime de acumulação conjugado temos a divisão da família e das gerações em diferentes nichos de mercado e com o regime de acumulação integral criam-se diferentes nichos de mercado no interior de cada geração. Assim, no interior da juventude emerge uma pluralidade de nichos de mercado visando ampliar ainda mais o consumo juvenil. Na medida em que a juventude é cada vez mais segmentada, vai adquirindo importância para o jovem de determinado segmento efetivar a demarcação por meio do consumo.

Os movimentos sociais identitários e o reforço à afirmação de identidades impulsionam o processo de constituição de nichos de mercado, o que impacta sobre a juventude. Por sua ligação com a rebeldia, esse grupo social se predispõe ao novo, possibilitando a reprodução de modas e a produção capitalista de bens de consumo. Porém, devido às próprias condições do regime de acumulação integral (dificuldade de encontrar emprego, trabalho precário, crescentes necessidades de consumo etc.), parte da

juventude, oriunda das classes sociais desprivilegiadas, tende à revolta e à rebelião (VIANA, 2012).

Além de roupas e músicas são produzidos também uma pluralidade de *gadgets* como *smartphones*, computadores, jogos eletrônicos, aparelhos reprodutores de música e acessórios tecnológicos os mais diversos, ofertados para o consumo conspícuo dos jovens. “O acesso à tecnologia produz uma geração jovem mais próxima do mundo tecnológico e com mais acesso à informação. O consumismo, inclusive de aparelhos tecnológicos, é outra característica proeminente. Porém, com menor formação intelectual [...]” (VIANA, 2012, p. 65).

Outro aspecto desenvolvido cada vez mais contemporaneamente é a juventude enquanto um valor a ser atingido. Isso é algo apropriado pela publicidade e empregado para alavancar o consumo. Assim, produtos são vendidos com a ideia de tornar o consumidor mais jovem ou “jovial”. Da mesma forma, determinadas práticas de lazer como jogos e esportes de aventura são vendidas para outros grupos etários evocando as mesmas ideias. Então, se a juventude é um grupo etário afeito ao lazer, desenvolver práticas de lazer acaba sendo associado a ser jovem.

Por outro lado, participar de reuniões, trabalhar em escritório ou qualquer lugar fechado passa a ser associado pela publicidade a pessoas mais velhas, mais maduras ou mais “caretas”, antiquadas. Desse modo, a publicidade reforça certos valores sobre a identidade da juventude, embaraçando ainda mais o processo de ressocialização para o trabalho.

Além disso, a juventude aparece como o espaço etário do estudante universitário. Nesse sentido, ser universitário é identificado com ser jovem e concluir a graduação é reconhecido como um passo em direção à vida adulta. Tal como o trabalho se contrapõe ao lazer, o estudo universitário e jovem se contrapõe ao emprego adulto. Então, a publicidade propaga a ideia de que ser universitário é ser jovem e conseqüentemente consumir produtos para jovens e praticar atividades de jovens.

Com o desenvolvimento do capitalismo e a necessidade de encontrar cada vez mais complementos à acumulação, o lazer foi desenvolvido como uma forma de captar não só o tempo de trabalho, como também o tempo fora do trabalho para os objetivos do capital. A juventude estando associada ao lazer, portanto, passa a ser um grupo etário bastante visado para a acumulação, com o desenvolvimento de atividades de lazer pagas, que proporcionam ganhos imediatos.

Considerações finais

A juventude é uma constituição social e sua autoimagem é formada a partir de sua relação com outros grupos. O jovem é oprimido e controlado por diversas instituições para posteriormente assumir o papel de adulto. No interior desse grupo etário os indivíduos são considerados “adultos incompletos” designando a juventude enquanto uma fase de transição. Nesse contexto, ocorre a formação da identidade jovem e também sua luta pela independência. A rebeldia e a irreverência são representadas como sendo um produto natural da idade e a identidade da juventude é resultado dessas relações sociais e interpretações.

No desenvolvimento da sociedade capitalista as atividades recreativas assumem uma forma específica e dessa forma se desenvolve o fenômeno entendido como lazer. A princípio destaca-se o controle sobre os trabalhadores com a defesa do trabalho austero e a condenação à vadiagem. O lazer então emerge como prerrogativa das classes privilegiadas até, posteriormente, o tempo de lazer ter significância para as classes desfavorecidas. As atividades que promoviam o descanso e a evasão eram preconizadas em detrimento de atividades que poderiam indispor o corpo ao trabalho. Com o surgimento de novas práticas de consumo intensifica-se o processo de mercantilização da sociedade, de modo que cultura e lazer se tornam objetos de consumo.

A juventude das classes privilegiadas é posta como modelo e, com a criação de diferentes nichos de mercado no interior de cada geração, passa a ser importante para o jovem demarcar seu segmento por meio do consumo. A juventude em si torna-se um valor a ser atingido, de modo que praticar lazer é identificado com ser jovem. A partir disso, a publicidade associa determinados valores à juventude, embaraçando ainda mais o processo de ressocialização.

Considerando-se o lazer como um conjunto de atividades recreativas realizadas em um tempo residual e que essas atividades são apropriadas também como forma de desenvolver a acumulação de capital, tem-se a juventude como importante nicho de mercado consumidor. Com isso, são desenvolvidas diversas atividades de lazer focado na juventude, ao mesmo tempo em que a juventude é evocada como um valor pela publicidade, associando-a a um conjunto de produtos a atividades, fazendo com que o processo de ressocialização para o trabalho, característico deste grupo social, torne-se ainda mais complicado. Então, os indivíduos deste grupo social acabam sendo objeto de diversos produtos e atividades de lazer que são relevantes para a acumulação de capital.

Referências

- MARX, Karl. *O capital*. Crítica da economia política. Livro primeiro. Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MARX, Karl. *O capital*. Crítica da economia política. Livro segundo, 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1984.
- ORIO, Mateus. *Capital recreativo*. A apropriação capitalista do lazer. Curitiba: CRV, 2019.
- VIANA, Nildo. *A mercantilização das relações sociais - modo de produção capitalista e formas sociais burguesas*. Rio de Janeiro: Ar, 2016.
- VIANA, Nildo. *A mercantilização do lazer*. Espaço Livre. Goiânia, v. 9, n. 18, p.56-68, jul-dez. 2014.
- VIANA, Nildo. *Estado, democracia e cidadania - a dinâmica da política institucional no capitalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.
- VIANA, Nildo. *Juventude e identidade*. Estudos. V. 36, n. 1, p. 145-154, 2009a.
- VIANA, Nildo. *O capitalismo na era da acumulação integral*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009b.
- VIANA, Nildo. *Regime de Acumulação, Gerações e Juventude*. Revista Espaço Acadêmico. V. 11, n. 129, p. 56-67, 2012.

Resumo: Este estudo tem como objetivo discutir a relação da juventude com o desenvolvimento do lazer na contemporaneidade, o que envolve a sua apropriação para a acumulação capitalista. O lazer é aqui entendido como um conjunto de atividades recreativas realizadas num tempo residual, após o desenvolvimento do trabalho, para-trabalho, necessidades básicas e obrigações sociais. A juventude é entendida como uma constituição social caracterizada pelo processo de ressocialização, no qual os jovens são preparados para o mercado de trabalho e para as obrigações sociais. A acumulação de capital consiste na transformação da produção capitalista novamente em capital, em um processo contínuo. Nesse sentido, o lazer é apropriado para a acumulação de capital e tem na juventude um grande espaço para a reprodução capitalista em escala ampliada. Desta forma, a questão norteadora deste trabalho se remete ao desenvolvimento do lazer focado na juventude e as formas que ele assume para ampliar o consumo de mercadorias e, conseqüentemente, a acumulação de capital. Este estudo tem como referencial teórico-metodológico o materialismo histórico desenvolvido por Karl Marx, no sentido de compreender as relações sociais concretas como síntese de múltiplas determinações articuladas em uma totalidade. Então, com este artigo espera-se constituir uma contribuição sociológica para o debate acerca da juventude enquanto constituição social e do lazer enquanto fenômeno social, ambos concebidos como síntese de múltiplas determinações e inseridos, portanto, no processo de acumulação capitalista.

Palavras-chave: Lazer, juventude, regimes de acumulação, capital recreativo.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo discutir la relación entre la juventud y el desarrollo del ocio en la época contemporánea, lo que implica su apropiación para la acumulación capitalista. El ocio se entiende aquí como un conjunto de actividades recreativas realizadas en un tiempo residual, posterior al desarrollo del trabajo, por-trabajo, necesidades básicas y obligaciones sociales. La juventud es entendida como una constitución social caracterizada por el proceso de resocialización, en el que los jóvenes se preparan para el mercado laboral y para las obligaciones sociales. La acumulación de capital consiste en la transformación de la producción capitalista nuevamente en capital, en un proceso continuo. En este sentido, el ocio es apropiado para la acumulación de capital y tiene un gran espacio para la reproducción capitalista a mayor escala en la juventud. De esta forma, la pregunta rectora de este trabajo se refiere al desarrollo del ocio enfocado en la juventud y las formas que toma para expandir el consumo de bienes y, consecuentemente, la acumulación de capital. Este estudio tiene como referente teórico-metodológico el materialismo histórico desarrollado por Karl Marx, en el sentido de entender las relaciones sociales concretas como síntesis de múltiples determinaciones articuladas en una totalidad. Así, este artículo pretende hacer un aporte sociológico al debate sobre la juventud como constitución social y el ocio como fenómeno social, ambos concebidos como síntesis de múltiples determinaciones e insertos, por tanto, en el proceso de acumulación capitalista.

Palabras clave: Ocio, juventud, regímenes de acumulación, capital recreativo.

Abstract: This study aims to discuss the relationship between youth and the development of leisure in contemporary society, which involves its appropriation for capitalist accumulation. Leisure is understood here as a set of recreational activities performed in a residual time, after the development of work, for-work, basic needs and social obligations. Youth is understood as a social constitution characterized by the resocialization process, in which young people are prepared for the labor market and for social obligations. Capital accumulation consists in the transformation of capitalist production back into capital, in a continuous process. In this sense, leisure is appropriate for the capital accumulation and has a large space in youth for capitalist reproduction on a larger scale. In this way, the guiding question of this work refers to the development of leisure focused on youth and the ways it takes to expand the consumption of goods and, consequently, the accumulation of capital. This study has as a theoretical-methodological reference the historical materialism developed by Karl Marx, in the sense of understanding concrete social relations as a synthesis of multiple determinations articulated in a totality. So, this article hopes to make a sociological contribution to the debate about youth as a social constitution and leisure as a social phenomenon, both conceived as a synthesis of multiple determinations and inserted, therefore, in the process of capitalist accumulation.

Keywords: Recreation, youth, accumulation regimes, recreational capital.

* Recebido em: 03/05/2023

* Aceito em: 23/05/2023